

ARTE

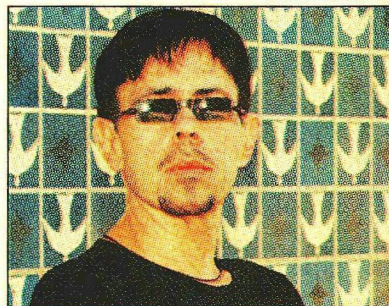
Do cinema - que reclama suporte industrial - à literatura - que se ressent da indústria editorial -, as artes em Brasília dependem da ação individual de artistas que aos poucos dão prestígio à cidade. A burocracia nunca estimou essas atividades e às vezes as corrompe pelo apadrinhamento. Os artistas de Brasília resistem e se impõem, formando um público participante e exigente, platéia nova e moderna para todas as expressões. A migração que está na raiz da pujança e dos problemas de Brasília também impulsiona e caracteriza a arte de Brasília.

● ADRIANO E FERNANDO GUIMARÃES

Eles estrearam na direção teatral com toque de quem estava predestinado ao sucesso. Era o ano de 1989. Adriano e Fernando Guimarães apresentavam *Provisoriamente Paixões*, sobre texto de Marguerite Yourcenar. Iniciavam o que viria a se tornar uma das mais importantes vertentes do teatro brasileiro dos anos 90.

Os dois irmãos brasileiros chegaram ao teatro por trilhas distintas. Fernando teve o aval de Dulcina de Moraes, que o convidou a participar da montagem de *Bodas de Sangue*. "Descobri que teria que ser aluno da Faculdade. Não deu outra: fiz vestibular, passei e estreei sob a direção de Dulcina. Mas não sou bom ator. Eu mesmo jamais me convidaria para atuar", brinca.

Adriano Guimarães foi por outro caminho, a produção de artes plásticas. Daí para a produção teatral foi um pulo. "Um dia eu estava vendo



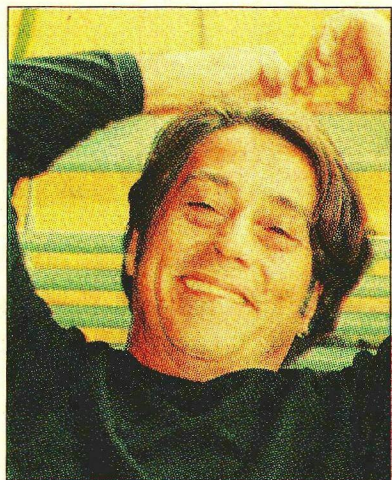
Fotos: Lincoln Iff



um ensaio e pensei: eu faria de outra forma. Percebi que teria capacidade para fazer outras coisas. Nada melhor ou pior, só diferente", conta.

● HUGO RODAS

A explosão criativa em Brasília leva o nome de um uruguaio nascido em Juan Lacaze, distrito de Colônia, no dia 27 de maio de 1939. Hugo Rodas é constante movimento. Primeiro, achou que seria médico. Foi para Montevideo e começou a estudar. Mudou de curso - odontologia -, mas conheceu o teatro e nunca mais foi o mesmo. Da faculdade, ficou a formação como protético dentário, profissão que o auxiliou nos primeiros tempos difíceis como ator. A partir de 1960, assu-



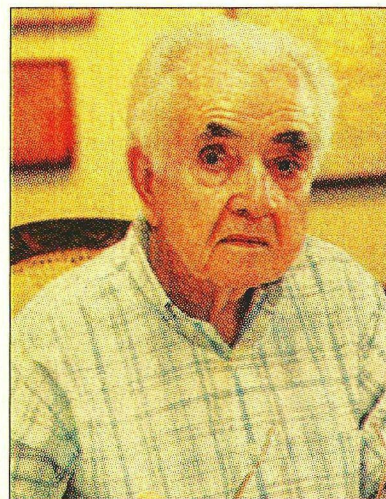
● ATHOS BULCÃO

Athos Bulcão é o mais importante artista de Brasília. Ele tem mais de 170 obras de integração arte-arquitetura na cidade, grande parte delas em parceria com o arquiteto Oscar Niemeyer. Athos pertence a velha estirpe de cariocas elegantes, cultivados, ilustrados. Nasceu em 1918, no bairro do Catete. Apaixonado pela arte desde cedo chegou a ingressar na Faculdade de Medicina, mas terminou abandonando o curso aos 21 anos, para se dedicar à pintura. Cultivou amizades com figuras tão díspares quanto o pintor Portinari, o jornalista Paulo Francis, o escritor Jorge Amado e o poeta Murilo Mendes. Em 1943, conheceu Oscar Niemeyer, que lhe encomendou o projeto para os azulejos externos do Teatro Municipal de Belo Horizonte. Em 1948, depois de montar algumas exposições individuais, seguiu para Paris, com uma bolsa do gover-

miu o teatro como profissão.

Em 1968, formou uma companhia para pesquisar teatro-movimento. Foi viver no Chile. Em 73, veio o convite para o Festival de Inverno de Ouro Preto. Primeiro contato, primeira paixão. Em 74, Hugo já se fixava em Salvador. Um ano depois, Brasília. Nunca mais foi o mesmo.

Em Brasília criou o Grupo Pitu, uma revolução no teatro da época. Foi para São Paulo. Trabalhou não só com o Pitu, mas com Antonio



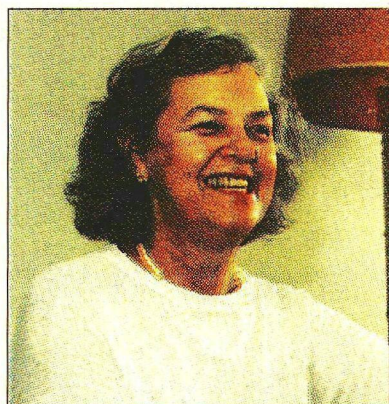
no francês. Na década de 50, começou a marcar presença tanto nos cenários artísticos do Brasil quanto do exterior. Em 57, Athos Bulcão foi convidado pelo arquiteto Niemeyer para trabalhar na Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap).

Abujamra e Zé Celso. Brasília o chamou de volta para dirigir *Besame Mucho*. "Resolvi que realmente era em Brasília que as boas coisas aconteciam comigo", conta.

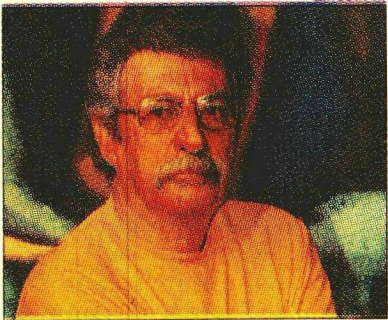
Hoje, Hugo tem o Notório Saber, reconhecido pela Universidade de Brasília, onde dá aulas há 11 anos. Na bagagem leva um Prêmio Shell de melhor direção por *Dorotéia*. E integra a Cia de Teatro do NAC, para a qual prepara um novo espetáculo: *Arlequim, o Servidor de Dois Amos*.

● ODETE ERNEST DIAS

A música brasileira possui uma dívida enorme com a flautista Odete Ernest Dias. Odete nasceu na França mas mudou para o Brasil nos anos 50. De formação erudita, ela acabou conquistada pelo ritmo popular do choro, tornando-se amiga e colaboradora de grandes bambas da estirpe de Pixinguinha, Bide da Flauta, Waldir Azevedo, entre outros. No início dos anos 70, transferiu-se para Brasília. Odete foi uma entre os inúmeros representantes do choro que se radicaram na capital. Ao lado de Bide, Pernambuco do Pandeiro, Waldir Azevedo e tantos outros, participou ativamente das rodas de choro que aconteciam aqui nos anos 70. Sua casa era um dos redutos dos chorões para animadas sessões. Dessas badalações musicais nasceu o Clube do Choro, no final da década de 70, hoje uma referência em todo o país. No seio da família Ernest Dias também floresceram outros talentos musicais, estimulados pela mãe, como o violonista Jaime e as flautistas Beth Ernest Dias.



Lincoln Iff



● GLÊNIO BIANCHETTI

Nascido em Bagé (RS), em 1928, Glênio Bianchetti iniciou suas atividades artísticas ainda jovem. Com 19 ingressou no Instituto de Belas Artes, posteriormente integrando o Grupo de Bagé ao lado de nomes como Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves e Glauco Rodrigues. Em sua trajetória inicial o artista desempenharia funções as mais diversas: diagramador e ilustrador de obras literárias (1953), diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (1960), por exemplo. Mudou-se para Brasília em 1961, época em que passou a lecionar gravura e desenho, além ficar responsável pela organização do Setor Gráfico da Universidade de Brasília. Em 65 Glênio seria afastado da UnB. Foi reintegrado somente após 23 anos - através da anistia -, lecionando até 1991. No período em que esteve fora do meio acadêmico, Glênio dedicou-se integralmente ao fazer artístico.

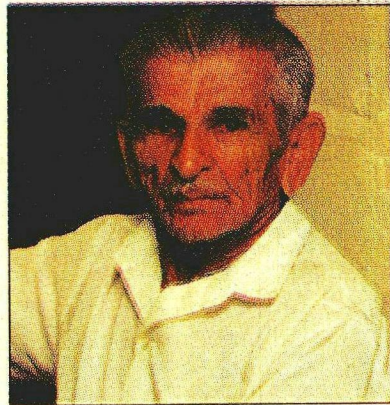
● SEU PEDRO

O nome: Pedro de Oliveira Barros. Conhecido mesmo como "seu Pedro", o escultor autodidata nascido e criado em Barra do Corda, interior do Maranhão, trabalhou na lavoura durante 44 anos. Até que um dia o corpo reclamou e um problema na coluna o obrigou a parar. Mas que aposentadoria que nada. O dinheiro não bastava para sustentar a família. Seu Pedro, morador da Cidade Ocidental há mais de 20 anos, cortava isopor em formato de bicho até que, num desses rompan-tes que se atribuem a uma luz divina, descobriu na madeira a matéria prima para seu novo trabalho. Com ferramentas semelhantes à que utilizava na lavoura começou a fazer arte. Na sombra do pedaço que o tronco desenhava, ou lhe sugeria,

Davi Zocoli



Arquivo



seu Pedro descobria um animal - uma revoada de araras, de pássaros, enfim, toda a fauna que lhe viesse à mente e que o formato da madeira seca lhe inspirasse, era o bastante para ser transformada em obra de arte. Obras estas que conquistaram espaço além-mar.

● MARGARIDA PATRIOTA

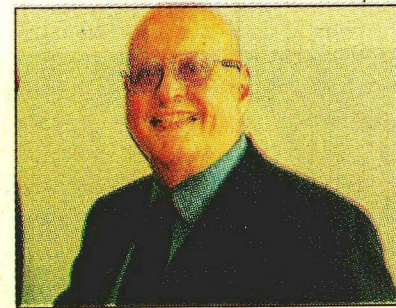
Quando desembarcou em Brasília, em 1976 - vinha do Canadá, de um casamento desfeito e com um PhD em literatura francesa em Vancouver - a professora Margarida Patriota não imaginava ir além das atividades de ensino e pesquisa, como especialista em romance de vanguarda (É antológico seu estudo sobre o francês Robbe-Grillet - que todo mundo conhece com roteiris- ta do *Ano Passado em Marienbad*, o

● ELIM DUTRA

O embaixador e artista plástico Elim Dutra, Diretor geral da Agência Brasileira de Cooperação - ABC, conseguiu um feito inédito: seguir com sucesso as duas carreiras, fazendo com que ambas se complementem. Morando em Brasília durante a semana, absolutamente dedicado à diplomacia, reserva os sábados e domingos para esculpir a madeira, que lhe dá uma estrutura orgânica de trabalho, é um material nobre que consegue transmitir-lhe uma visão íntima do mundo. Um apaixonado pela madeira brasileira, afirma convicto que "os verdadeiros senhores da floresta são as árvores e que o grande alimento de sua alma é a escultura".

Nunca descuidou de seu lado

Arquivo

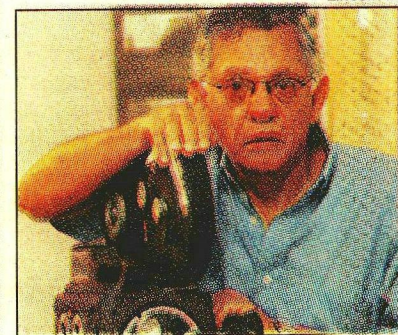


escultor. Quando o trabalho diplomático o levava para o exterior (já esteve morando em Roma, Buenos Aires, Washington DC, Bogotá e Bonn), a primeira providência que tomava, logo ao chegar, era montar seu ateliê, com as madeiras brasileiras que acabavam se tornando mais um veículo de divulgação da grandeza natural do Brasil, o que o tornava duplo divulgador do nosso país.

● VLADIMIR CARVALHO

Segundo ele, foi por um ardid de Fernando Duarte, professor do curso de cinema da Universidade, que veio parar em Brasília, em 1970. "Vim para ficar dois meses e fiquei 29 anos", diz Vladimir Carvalho, cineasta documentarista dos mais respeitados no país, autor, entre outros, de *O País de São Saruê*, *O Homem de Areia* e *Conterrâneos Velhos de Guerra*, este último um sensível tratado sobre a construção da capital federal. Antes de chegar a Brasília, Vladimir trabalhava no Rio de Janeiro como jornalista e principalmente como cineasta, onde foi parceiro de Arnaldo Jabor, Eduardo Coutinho, entre outros grandes nomes do cinema nacional. Parai- bano de Itabaiana, com 64 anos, Vladimir se diz ancorado em Brasília. "Elegi Brasília meu tema. E como já se disse, cada vida com seu tema, fui ficando por aqui".

Lincoln Iff



filme de Alan Resnais). Margarida iniciava então uma vida paralela de escritora, expressa em 12 livros publicados. O último, de literatura infantil juvenil, "Memórias de um pinga d'água", é uma aventura ecológica que figura em listas de material paradidático em escolas do Brasil inteiro, enriquecida por um glossário preparado por seu marido, o dicionarista Joaquim Campelo Marques, um dos co-autores do

dicionário Aurélio. Carioca, adolescente em Nova Iorque, filha do economista e diplomata Antonio Patriota, Margarida coleciona prêmios (Literatura infantil juvenil da União Brasileira de Escritores-Rio) e dá aulas na Universidade de Brasília: Teoria da Narrativa, na pós-graduação, e um curso de literatura francesa que neste semestre apresenta os clássicos do teatro (Corneille, Racine).